

700915

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 14063

Data 14 / 09 / 2009

☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014063

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

WEVERTON ORTIZ FERNANDES
DANÇA DO CHORADO: EFEITOS DE UMA MEMÓRIA

PONTES E LACERDA – MT

JUNHO/2009

8142
F363d
ex.01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

WEVERTON ORTIZ FERNANDES
DANÇA DO CHORADO: EFEITOS DE UMA MEMÓRIA

Trabalho apresentado como requisito parcial
para avaliação da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso do VIII Semestre do
Curso de Licenciatura em Letras, sob
orientação da Profª Drª Eliana de Almeida.

PONTES E LACERDA – MT

JUNHO/2009

Banca examinadora:

Dr^a ELIANA DE ALMEIDA

Ms^a SÍLVIA REGINA

Dr^a ANA DI RENZO

Pontes e Lacerda, Junho de 2009.

DEDICATÓRIA

Dedico essa produção à minha família pelo apoio prestado durante o período acadêmico e por me possibilitar tempo para desenvolver a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me ajudar a superar os momentos mais difíceis durante a minha vida e nos quatro anos como acadêmico.

Agradeço a UNEMAT que me possibilitou materiais para pesquisa, pela formação acadêmica e pela formação pessoal.

Aos meus amigos que fizeram parte dessa produção e aos meus colegas de sala de aula pela motivação e, principalmente, ao meu colega-irmão Liomarques que no percurso acadêmico esteve sempre ao meu lado nas discussões das leituras acadêmicas.

E muito grato aos professores orientadores que foram as principais referências no percurso acadêmico: a professora Eliana de Almeida, a quem muito devo pela minha formação e orientação na pesquisa monográfica; e a professora Sílvia Regina que também participou e contribuiu de maneira significativa para a produção da pesquisa, discussões em reuniões de grupo e orientação para o desenvolvimento da escrita monográfica.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
INTRODUÇÃO.....	07
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	08
CONFIGURAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	16
DANÇA DO CHORADO: EFEITOS DE UMA MEMÓRIA.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

RESUMO

O nosso material simbólico de análise partirá do depoimento relatado de uma gravação sobre a Dança do Chorado. O apoio teórico que nos orientará para a discussão será a Análise de Discurso. Em nossa análise serão levados em conta os sentidos que se historicizam na Oralização do Chorado. Para isso, nos basearemos nas discussões de Gallo (1992) em: *Discurso do ensino e da escrita* e Orlandi (2002) em: *Língua e conhecimento lingüístico*. Além dos sentidos que se constituem em nosso *corpus* de análise, compreenderemos também como que o silêncio (Orlandi, 1997) funda o lugar de significação de um sujeito que, mesmo sem poder dizer se diz. Na seqüência da análise, relacionaremos o primeiro momento do Chorado com o terceiro momento para compreendermos como ocorrem os deslizes dos sentidos.

Palavras chaves: Memória Discursiva – Resistência – Subjetividade – Silêncio – Deslizes dos sentidos.

INTRODUÇÃO

A análise que iremos desenvolver é uma pesquisa sobre a Dança do Chorado. A Dança do Chorado é uma dança típica da comunidade vilabelense. Analisaremos o material tomando da transcrição do relato de um morador vilabelense.

Para a análise do Chorado, nos basearemos nas concepções teóricas da Análise do Discurso discutida por Eni Orlandi (1997, 2002, 2002 e 2004), Claudine Haroche (1992), Solange Gallo (1992) e Maria Onice Payer (2004).

Levaremos em conta na análise: a memória discursiva que constitui o relato sobre o Chorado; as condições de significação do sujeito do Chorado no século XVIII; os modos como os sentidos se constituem e se institucionalizam no Chorado da atualidade; e por último procurar compreender como se constitui o efeito metafórico do Chorado do século XVIII para o Chorado da atualidade.

I. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A *Análise de Discurso* (A.D) será a nossa filiação teórica para a análise que iremos desenvolver. Partindo dessa concepção teórica, propomo-nos a analisar e compreender o funcionamento dos sentidos instaurados em nosso objeto de estudo: *o depoimento da Dança do Chorado*.

Para a melhor compreensão da materialidade simbólica do depoimento, discutiremos as noções de *discurso*, *subjetividade*, *Memória Discursiva* e *silêncio*, tratados por Orlandi (2002; 2004; 1997), Haroche (1992) e tomando da descrição do relato sobre o depoimento do Sr. Elísio.

A necessidade de discutir as noções de *Memória Discursiva* e o *silenciamento* é a de marcar o nosso lugar teórico na análise relativo ao Chorado. Além disso, a partir das discussões teóricas, contribuir para a compreensão dos sentidos dessas noções em funcionamento no depoimento.

A A.D que teve suas origens na França na década de 60 (sessenta) com M. Pêcheux, nasce a partir da releitura de Lacan, na psicanálise; de Althusser, em relação aos sistemas ideológicos marxistas; e de Pêcheux, quanto ao sistema lingüístico de Saussure.

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento, não o é de modo servil que trabalha uma noção. Interroga a Lingüística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2002:20).

Em função disso, o gesto de leitura e a compreensão dos sentidos de qualquer material simbólico partindo da A.D difere-se de outras teorias.

A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ele não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado [...] já

pronunciado pelos formalistas russos, onde a questão a ser respondida não é o “que” mas “como”. (ORLANDI, 2002:16).

É interessante compreender a noção de língua para a Análise de Discurso. Segundo Orlandi (1997:19): *a língua é a materialização do Discurso*. Os sentidos em funcionamento, ao contrário de várias concepções como a de análise de conteúdo, são aqueles não prontos e nem acabados.

A língua é a materialização do discurso pela relação que há no jogo da significação entre a ideologia e o inconsciente. Segundo Orlandi:

Esta questão nos toca particularmente, pois M. Pêcheux trata a significação, pensando a relação da língua, de um lado, com a *lalangue* (o inconsciente) e, de outro, com o interdiscurso (a ideologia). Segundo Pêcheux, inconsciente e ideologia estão materialmente ligados. (ORLANDI, 2004:63).

Além disso, conforme Orlandi (2004:83) *O trabalho do analista é, em grande medida, situar (compreender) – e não refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido*. De acordo com esta autora, compreendemos que a questão da leitura para a A.D está em não refletir os sentidos, em não achar os verdadeiros sentidos, mas está em compreender como que os sentidos estão funcionando e se significando.

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes formas de linguagem, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos. (ORLANDI, 2004:09).

Ou seja, um objeto se torna simbólico para o sujeito quando esse objeto é interpretado. Para que haja o gesto de interpretação, é necessário o afetamento ideológico no sujeito. Como o afetamento pode ser de diversas maneiras, a interpretação *presente em toda e qualquer manifestação da linguagem* pode ser de variados modos.

2007

2008

A interpretação podendo ser de variados modos significa que a linguagem não é transparente. Além de não ser transparente, a concepção de sujeito para a Análise de Discurso é a de um sujeito totalmente descentrado. Descentrado porque não tem ou possui o domínio daquilo que diz e, quando se busca compreender um sentido, cria-se a ilusão de que o sujeito tem a intenção e busca uma verdade absoluta, conforme Haroche (1992:158) *O sujeito não é livre, "ele é falado", isto é, dependente, dominado.*

Dessa maneira, para a Análise de Discurso, o sujeito é um sujeito simbólico. Simbólico no sentido de que este sujeito funciona em um movimento de diferentes sentidos que o constitui. Ele é apenas um efeito, uma constituição histórica determinado pelo ideológico.

Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. (Essa relação se complementa no fato de que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2002:17).

Desse modo, podemos compreender o afetamento ideológico no sujeito a partir dos processos de subjetivação. A subjetividade, para a Análise de Discurso, se evidencia pelo discurso.

Relacionar o formalismo, o caráter articulado apenas à constatação do caráter apropriado das formas da linguagem à expressão da subjetividade ("o discurso provoca a emergência da subjetividade pelo fato de que consiste em instâncias discretas"), não nos diz assim nada demais e não poderia descartar a presença de determinações históricas, tanto na estruturação quanto no funcionamento da subjetividade. (HAROCHE, 1992:164).

Tudo o que está sendo dito foi dito em outro lugar de diferentes maneiras. Os modos de formulação do discurso podem ser diferentes, mas os sentidos podem ser os mesmos. É o que a Análise de Discurso chama de *já-dito*; o afetamento do sujeito por *outro* discurso em que a subjetividade está determinada a partir do que foi dito pelo *Outro*.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2002:31).

O modo como que o sujeito evidencia os sentidos está constituído pela Memória Discursiva. É por isso que o sujeito passa a ser considerado como um sujeito simbólico, ele se significa e re-significa os sentidos funcionando de acordo com o ideológico e o histórico que o constitui.

Segundo Orlandi, há uma relação entre a constituição dos sentidos e a formulação dos sentidos. A constituição dos sentidos está para o interdiscurso enquanto a formulação dos sentidos está para o intradiscurso.

Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se pode está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. O que estamos chamando de interdiscurso – representa como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 2002:32).

De acordo com Orlandi, a formulação é dependente da relação com o interdiscurso. Os sentidos constituídos determinam a formulação dos sentidos. Essa ilusão de que o sujeito está na razão e na origem do dizer é o que está funcionando no eixo horizontal - formulação dos sentidos. Pensar os sentidos constituídos pela ideologia é compreender o funcionamento do sujeito totalmente descentrado, afetado por uma memória do dizer que o constitui.

Ao lado da noção de memória discursiva, passo a discutir a obra: *As Formas do silêncio*, de Eni Orlandi, as maneiras de como compreender o funcionamento do silêncio na linguagem. Há duas formas de existência do silêncio discutido por Orlandi (1997): *O silêncio fundador* e *a Política do silêncio*.

1820

1821

1822

1823

1824

1825

1826

1827

1828

1829

1830

1831

1832

1833

1834

1835

1836

A importância de discutir essa noção está em compreender o silêncio em que o sujeito negro está condenado a não se dizer, a não tornar certos sentidos em evidência como era comum na época em que a Dança do Chorado se originou.

Segundo Orlandi (1997:70), o silêncio fundador ou fundante é o silêncio que está na própria palavra. É o silêncio que não significa em relação às palavras: ... *não é do silêncio em sua qualidade física de que falamos aqui mas do silêncio como sentido, como história [...] é o que instala no limiar do sentido.*

O silêncio fundante *que instala no limiar do sentido*, compreendemos esse silêncio na constituição dos sentidos. Esse silêncio é o que possibilita que os sentidos se materializam em uma formação discursiva.

...o silêncio faz parte de todo o processo de significação (dimensão fundante do silêncio). Quando atentamos para o silêncio, tematizando razões “constitutivas”, fazemos percurso da relação silêncio/linguagem e estamos no domínio do silêncio fundante. (ORLANDI, 1997:55).

Nessa perspectiva, o silêncio fundante atravessa as palavras. Isso se dá pelo motivo da linguagem não ser transparente. Se todos os sentidos nas palavras fossem prontos e acabados, se a completude da linguagem fosse de fato existente, o silêncio não existiria. O silêncio fundante, conforme Orlandi, funciona no que é dito e no não dito. Nas palavras, em sua formulação, ela é atravessada pelo silêncio e pelo silêncio que as palavras significam.

Por exemplo: ao dizer que *saiu o vencedor no senado*, o que está em silêncio é que *há pelo menos um que foi vencido na disputa do senado*. Na confirmação do que foi dito sobre o vencedor, os sentidos do perdedor também estão se significando.

Mas esses sentidos relacionados ao perdedor estão se significando pelo silêncio. Estão se significando em silêncio porque a linguagem não é completa. O silêncio aí é o recorte daquilo que se diz e daquilo que não se diz: *saiu o vencedor no senado* sem a necessidade de dizer que *houve um vencedor e houve um derrotado*, sendo por meio das falhas na língua que podemos compreender o silêncio em evidência.

Conforme Orlandi (1997:70) *O silêncio não é vazio, o sem sentido [...] o silêncio não é a ausência de palavras....* Em relação à afirmação do vencedor no senado, aquilo que não foi dito, que se refere ao perdedor, os sentidos do perdedor não funcionam como *ausência de palavras*. Os sentidos de *perdedor* são o que possibilita a evidência dos sentidos de *vencedor*.

O vencido na disputa também está se significando no momento em que está sendo confirmado *o vencedor do senado*.

É no momento em que o derrotado para o senado está se significando que se pode perceber o funcionamento do silêncio fundante. O vencido na disputa do senado se significa no silêncio pelas falhas da língua.

Se ao contrário disso funcionasse como ausência de palavras, seria considerar a língua como completa, sem falhas. O silêncio está na própria palavra em que os sentidos se significam mais do que aquilo que foi dito.

Já a política do silêncio se constitui em: o silêncio constitutivo e o silêncio local. O silêncio constitutivo está em relação ao que é *preciso não dizer para poder dizer* (Orlandi, 1997:76). O silêncio local está relacionado à censura: *É o da interdição do dizer* (Orlandi, 1997:75). De acordo com Orlandi, compreendemos a política do silêncio a partir do eixo horizontal, ou seja, na formulação dos sentidos.

Na política do silêncio é permitido dizer determinada coisa em vez daquilo que não é permitido se significar. Ou então, se diz tal coisa no lugar daquilo que é proibido dizer. É colocada em questão a liberdade do sujeito em dizer certas coisas dentro de uma regra imposto pela política. É com base nisso que Orlandi trabalha o silenciamento:

A diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio é que a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo. (ORLANDI, 1997:75).

Diferente do silêncio fundante, a política do *silêncio* ou *silenciamento* como fala Orlandi, está na relação do dito não-dito.

O silêncio constitutivo é o dizer uma coisa no lugar de outra coisa, no lugar daquilo que é proibido dizer. Por exemplo: *O Brasil é um país de poucos problemas sociais e sem corrupção*. Esse enunciado, na época da ditadura militar no Brasil (1964 – 1985) poderia estar funcionando como uma ironia, significando aquilo que é proibido dizer. Ou então, apenas o que é permitido a esse lugar discursivo.

Se esse lugar de significação é permitido ao sujeito, é porque outro lugar não o permite se significar. O que foi dito no enunciado é o que está *permitido ser significado* nesse lugar discursivo. Se o sujeito estivesse na posição *contrária à política* e o seu enunciado fosse: *O Brasil é um país de muitos problemas e muitas corrupções*, estaria evidenciando

1. 10/10/10
2. 10/10/10
3. 10/10/10
4. 10/10/10
5. 10/10/10
6. 10/10/10
7. 10/10/10
8. 10/10/10
9. 10/10/10
10. 10/10/10

11. 10/10/10

12. 10/10/10

13. 10/10/10

sentidos numa posição em que esse sujeito sofreria algum tipo de penalização por parte da constituição nacional. Esse é o lugar não permitido para o sujeito se posicionar e instaurar sentidos outros.

Nessa afirmação *O Brasil é um país de poucos problemas sociais e sem corrupção*, o sujeito está numa posição, está evidenciando os sentidos que lhe são permitidos. Está se significando de um lugar discursivo que lhe é dado, que lhe possibilita e lhe permite se significar. Os outros sentidos também funcionam, mas estão em silêncio, os sentidos estão silenciados naquilo que não é permitido significar.

Com relação ao lugar que não é permitido ao sujeito significar-se, o dizer está no lugar daquilo que não é permitido ao sujeito dizer. Se o sujeito se significar desse lugar proibido está contrariando *as morais ditadas pelo Estado, ferindo a ética da sociedade*.

Não procuramos “dados” sobre a censura; procuramos analisar a censura enquanto “fato” de linguagem que produz efeitos enquanto política pública de fala e silêncio. Consideramos a censura em sua materialidade lingüística e histórica, ou seja, discursiva. E embora vamos tomar como centro a censura política, também outras formas de censura se alinham no fato que estamos analisando. (ORLANDI, 1997:77).

A discussão de Orlandi (1997) sobre a censura se relaciona ao silêncio local. No silêncio local, há determinados sentidos os quais o sujeito não pode evidenciá-los. A posição do sujeito no enunciado e os efeitos de sentidos produzidos pelo sujeito será a discussão breve a respeito do silêncio local.

Conforme Orlandi (1997), o silêncio local são determinados efeitos de sentidos proibidos e/ou censurados. Esses sentidos proibidos, interditados para o sujeito brasileiro se significar estão relacionados com a ditadura brasileira até a década de 80 (oitenta).

Como foi dito agora há pouco em que o sujeito se significa no lugar em que é proibido se significar, o que é proibido se significar é considerado de *censura: O Brasil é um país de muitos problemas e muitas corrupções*”.

De acordo com os efeitos de sentidos instaurados no discurso, este não pode marcar determinados lugares discursivos. Não é permitido a evidência de determinados efeitos de sentidos a partir do que legislação política prevê e pensa. Certos sentidos existem, fazem partes da sociedade, mas são silenciados pelo Estado.

Os sentidos censurados estão determinados por uma legislação do poder político, ou seja, estão determinados pelo Estado. É aí que determinados sentidos se evidenciam. Apenas sentidos que são permitidos e que estão de acordo com as normas da legislação.

No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o "lugar" que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito. (ORLANDI, 1997:81).

Como explicar que a identidade do sujeito está afetada pela censura? De acordo com o que já foi dito, não é possível ao sujeito tornar evidentes certos sentidos. O sujeito está totalmente determinado pela ideologia do Estado.

A censura é uma das ideologias presentes pelo Estado até a década de 80 (oitenta) no Brasil. O sujeito só pode se significar naquilo que lhe é permitido. Se existem sentidos permitidos, é porque há os sentidos que não são permitidos. Nesses sentidos não permitidos é que compreendemos que a identidade do sujeito fica determinada pela imposição do Estado. O sujeito está determinado a marcar um lugar discursivo imposto pelo Estado.

É importante ressaltar que, o sujeito ao marcar o seu lugar, ao tornar certos sentidos em evidência, esses sentidos estão na formulação do dizer, do discurso. Esse lugar discursivo que o sujeito se posiciona já existe e foi dito em outros momentos.

O sujeito não se significa da maneira que pensa e do modo que deseja, nem quando e onde fazer se significar a favor ou contra o Estado. O sujeito está afetado por um dizer e pode re-significar esses dizeres, a partir do *Outro*, de diferentes maneiras.

⌈ O Estado tenta controlar o modo de re-significar do sujeito no discurso. Compreende os sentidos como se fossem únicos e prontos, dando ao sujeito características de univocidade e de controle. Isso não significa que o sentido de univocidade imposto pelo Estado vai fazer desaparecer outros efeitos de sentidos e o sujeito estará afetado apenas por um único discurso.

Esses sentidos, aqueles que constituem o sujeito e que o Estado não permitem que este evidencie, são os sentidos silenciados. Mas, esses sentidos silenciados funcionam na sociedade. Não só estão em funcionamento como estão significando e re-significando. Por mais que o Estado tente evitá-los eles estão lá, fazendo sentido no meio social. Tudo em silêncio.

II. CONFIGURAÇÃO DO CORPUS

Antes de iniciarmos a análise da materialidade simbólica do Chorado, como foi dito anteriormente, passo a servir do relato do Sr. Elísio, material de estudo, para compreensão do discurso em funcionamento na Dança do Chorado. Ou seja, o material de análise que constituímos é um depoimento sobre a Dança do Chorado, porém, a partir do relato do Sr. Elísio, em festejos comemorativos das festas locais vilabelenses.

Relato do Sr. Elísio

A Dança do Chorado foi uma estratégia usada pelas senhoras escravas no momento correto. Seus esposos e seus filhos presos, porém os sacrifícios são dados até as solturas que eram feitas. As senhoras tinham uma certa diferenciação e eram bem melhor tratadas. Ao verem os sofrimentos dos seus filhos e esposos, mantinham os patrões dentro de si uma grande revolta. Então, através da inteligência da mulher, porque não dizer também de suas astúcias, elas conseguiam se aproximar dos senhores, no momento da qual eles se encontravam, festejando, e tão pouco tomados pelas bebidas fortes da época. Elas acharam uma solução, reunindo-se, juntos com essas mulheres, planejaram e compraram uma cegueira. E qual foi essa cegueira? Elas se engrenaram da melhores maneiras possíveis. Então, elas se aproximavam dos seus patrões e do qual eles serem solteirões, não deixavam de se aproximarem das senhoras e lançaram as suas conquistas. No momento certo, elas se dividiam. Mas para não se desfazerem dos seus patrões, elas aceitavam algumas propostas, mas lançavam as suas. Foi o que, a liberdade dos prisioneiros e que algumas vezes até alguns já eram condenados a morte. E por aí elas conseguiram algumas liberdades. Chegando a [...] de nossa região, sofreu essa penetração, uma pequena mudança. Em vez de elas sofrerem [...] dos patrões, elas foram convocadas por eles. E nessas convocações, eles que selecionavam. Selecionavam meninas mais jovens, mais bonitas e mais belas com o objetivo de satisfazerem seus desejos. E os tempos se passaram. Após a transferência da capital de Vila Bela para Cuiabá, a festa do Chorado, a Dança do Chorado perderam seus sentidos. No entanto, as conselheiras dessa festança, igual à semelhante a estas, elas se reuniam em um determinado local, um pouco secreto, e não poupavam os tambores. Elas convidavam alguns curiosos. E esses curiosos entravam no recinto e lá eles eram amarrados com um lenço no pescoço considerado prisioneiro a cumprir [...]

por logo, em seguida, para que elas também continuassem a participar da festança. Isso aí é um outro caso, a partir da década de 80, nós começamos a organizar de uma forma bem melhor e a cada dia que passa a festança tem ganhado novos adeptos e população de todo o nosso país.

O Sr. Elísio é um dos membros que participa e ajuda na organização da Festa do Congo, festança realizada anualmente no mês de Julho na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, que se localiza a oeste do estado de Mato Grosso.

Uma das comemorações que compõe a festa do Congo é a Dança do Chorado. Essa dança se originou em Vila Bela quando essa cidade ainda era a capital de Mato Grosso e o Brasil colônia de Portugal.

O relato do Sr. Elísio ocorreu no dia 21 de Julho de 2008. Temos como objetivo compreender no discurso o funcionamento do interdiscurso. No relato do Sr. Elísio percebe-se que há três momentos na Dança do Chorado de Vila Bela.

Conforme o relato, nesse primeiro momento a dança surgiu a partir de uma necessidade de se dizer algo, quando não se tinha como dizer. As mulheres negras comovidas com o sofrimento de seus filhos ou maridos que eram torturados pelos senhores de terra, organizavam-se para conseguir a não punição dos seus filhos e maridos.

As dançarinas compravam uma cegueira e planejavam a maneira de alcançar os seus objetivos. Num espaço da casa dos senhores de terra, as mulheres começavam a dançar sedutoramente com o pretexto de seduzir e atrair as atenções desses senhores.

Ensejados pela sedução e luxúria dessas mulheres, os senhores decidiam sobre outro tipo de punição que os escravos viriam a sofrer ou mesmo absolvê-los, após satisfazerem seus desejos.

Nas propostas feitas pelos senhores de terra, as mulheres faziam as suas também: libertar os seus filhos ou marido presos e livrá-los das condenações. Sendo assim, os donos de terra pediam então que arrumassem as mais belas e jovens meninas para lhes satisfazerem. Como foi dito no relato, as propostas dos senhores de terra eram atendidas e em várias tentativas as dançarinas alcançavam os seus objetivos.

O segundo momento é o período em que Vila Bela perde o título de capital e que os escravos ganham a sua liberdade pela constituição nacional. Nesse segundo momento, o Chorado funciona como uma distração e diversão para as dançarinas. O objetivo dessa dança já não é mais o mesmo em relação ao primeiro momento. As mulheres ex-escravas não

precisavam submeter-se aos desejos e vontades dos senhores de terra e elas próprias passaram a organizar o Chorado em locais distante da comunidade.

De acordo com o relato, o local da realização do Chorado ficava isolado da cidade e fechado para o público. O início da diversão se dava com os toques dos tambores em um recinto fechado, atraindo as atenções de quem estava próximo e de alguns curiosos.

As dançarinas colocavam um lenço no pescoço desses curiosos que se aproximavam do recinto e os convidavam a entrar. Esses curiosos, com o lenço no pescoço, significavam o papel dos prisioneiros.

O terceiro momento do Chorado é quando essa dança passou a ser realizada para o público e organizada pela comunidade local. Esse modo diferente de organização do Chorado, não mais em recinto fechado, se inicia na década de 80 (oitenta), festança realizada anualmente que reúne os costumes e tradições das festas vilabelenses.

Esse último momento da Dança do Chorado que se estende até a atualidade está na tentativa do Estado em preservar e manter a tradição dessa dança para a sociedade. Além disso, é uma maneira de se dizer e de se identificar, culturalmente, como uma dança típica de Vila Bela.

Tanto no segundo quanto no terceiro momento as mulheres já não eram submissas aos desejos dos seus patrões e não havia mais reféns negros a serem julgados com o risco de serem mortos ou torturados.

A diferença nesses dois momentos é que o segundo momento do Chorado é organizado pelas mulheres em recintos fechados para o público; e o terceiro momento é organizado pela comunidade com o propósito de reforçar a identidade cultural vilabelense e de preservar a tradição regional.

Dados os três momentos que configuram a Dança do Chorado, quais os sentidos que se instituem? Como esses sentidos se historicizam? Para isso, analisaremos o primeiro momento do Chorado tomando do relato de um morador, os modos pelos quais se dão a relação entre o sujeito da dança e o sujeito proprietário de terra, a constituição do sujeito simbólico da Dança do Chorado. Na sequência, discutiremos os sentidos que se materializam pela historicidade no terceiro momento.

Começaremos por discutir sobre o material simbólico. Vamos compreender como funciona o discurso do Chorado no depoimento de um orador relatado no dia 21 de Julho de 2008, na cidade de Vila Bela, Mato Grosso. Temos como objetivo, além disso, compreender como a memória discursiva constitui os sentidos de uma *tradição*. Para isso, nos basearemos

nas discussões de Solange Leda Gallo (1992) em: *Discurso da escrita e ensino* e de Eni P. Orlandi (2002) em: *Língua e conhecimento lingüístico*.

III. DANÇA DO CHORADO: EFEITOS DE UMA MEMÓRIA

Conforme Orlandi (2002:21), não podemos considerar o depoimento relatado apenas como um código, ou mero meio de transmitir informações.

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso.

Como já discutimos sobre a noção de leitura (Orlandi, 2004), no relato, por se tratar de um material simbólico, não podemos, na perspectiva da A.D, visar compreender o que *esse texto está querendo dizer*, mas compreender como o discurso faz significar determinados efeitos de sentidos e como esses efeitos de sentidos se significam e funcionam. Em relação às discussões de Orlandi (2002, 2004), compreendemos o relato como o espaço simbólico do discurso sobre a Dança do Chorado.

Neste material simbólico de análise, os sentidos que se significam e que funcionam o fazem a partir de um imaginário de unidade e de autoria. De acordo com Orlandi (2001:65), o imaginário de unidade de sentidos produz a textualidade e o discurso imaginário da função-autor.

Falando da função-autor tenho dito que ela constrói uma relação organizada – em termos de discurso – produzindo um efeito imaginário de unidade (com começo, meio, progressão, não contradição e fim). E a isto chamo de textualidade. Toda vez que tenho isso, tenho a função autor, colocando imaginariamente o sujeito na origem do sentido e sendo responsabilizado pela sua produção.

21

26

Interessante ressaltar que esse imaginário de textualidade ocorre pelo gesto de *interpretação*. É o gesto de interpretação que possibilitará a materialização do simbólico pelo discurso. No depoimento sobre o Chorado, esse imaginário de unidade dos sentidos pode ser compreendido ao tratar de maneira seqüencial o primeiro, o segundo e o terceiro momento da Dança do Chorado.

1º momento: A dança do Chorado foi uma estratégia usada pelas senhoras escravas no momento correto.

2º momento: Após a transferência da capital de Vila Bela para Cuiabá, a festa do Chorado, a dança do Chorado, perderam seus sentidos.

3º momento: Isso aí é um outro caso, a partir da década de 80, nós começamos a organizar de uma forma bem melhor e a cada dia que passa a festança tem ganhado novos adeptos e população de todo o nosso país.

Além desse imaginário de unidade dos sentidos, há um imaginário de um sujeito que está na origem do dizer e que administra os sentidos. De acordo com Orlandi (2001:91) esse imaginário de sujeito é concebido pela linguagem e pela história.

— (Esse imaginário de unidade dos sentidos se significa pelos efeitos produzidos pela ideologia.) A materialização desses sentidos é constitutiva da memória discursiva e essa materialidade se evidencia no efeito do relato sobre o Chorado.

Relacionando essas questões à nossa análise, propomos compreender os efeitos ideológicos do primeiro e do terceiro momento que se instauram e se significam na materialidade lingüística do depoimento sobre o Chorado. Levaremos em conta na análise da materialidade lingüística a estrutura sintática, além de outros aspectos que jogam com os sentidos.

Compreendemos na formulação: *A Dança do Chorado foi uma estratégia usada pelas senhoras escravas no momento correto*, que nessa estrutura sintática há a concordância de gêneros: *A Dança do Chorado...* e também de número: *...foi uma estratégia usada pelas senhoras escravas no momento correto* em que os verbos *foi* e *usada* concordam em gênero e em número.

Essa concordância em gênero e em número, na estrutura sintática, uma materialização lingüística, cria um efeito de transparência e de completude, ou seja, visa buscar controlar e univocizar os sentidos como se não houvesse nesse enunciado outras possibilidades de

interpretações como: *A Dança do Chorado não foi uma estratégia usada pelas senhoras escravas no momento correto.*

A concordância em gênero: *A Dança do Chorado* e não: *O Dança do Chorado* e em número: *A Dança do Chorado...* e não: *As Dança dos Chorado*, além do efeito de transparência que busca apagar o efeito de ambigüidade dos enunciados, remete que aí há uma memória do discurso da escrita significando e se significando no *corpus*.

Esses efeitos constituídos pela memória do discurso da escrita a relacionamos com a gramática normativa. É o efeito de uma memória da gramática normativa que determina a concordância dos verbos em gêneros e em números. E esses efeitos da gramática normativa que constituem o discurso da escrita se significam na oralização sobre o Chorado.

Queremos com isso compreender que essa oralização sobre o Chorado não se trata de uma oralidade da oralidade ou de um discurso da oralidade. Conforme Orlandi (2002:232): *Mesmo quando pensamos estar na oralidade, estamos na oralização da escrita. Nossos enunciados já têm a forma material da escrita, no modo mesmo em que se configura nossa memória discursiva.*

Como é um relato que trata de um assunto local e os sentidos se significam a partir de um morador vilabelense, poderia ser que os sentidos do Chorado se constituíssem por uma memória da oralidade característica do falar local.

Ao contrário do que poderia se esperar ou imaginar que a oralização fosse uma oralidade da oralidade compreendemos esses efeitos da gramática normativa na oralização sobre o Chorado de oralidade da escrita. Ou seja, o relato se constitui pela memória do discurso da escrita.

Ainda em relação aos efeitos da gramática normativa, tomamos outro enunciado como exemplo: *As senhoras tinham uma certa diferenciação e eram bem melhor tratadas.* De acordo com a gramática normativa, não há um deslize referente ao verbo: *eram*. Esse verbo cria um efeito de distanciamento de significação com o substantivo, mas mesmo assim, mantém a concordância.

Não presentificamos, além da falta de concordância, erros gramaticais: *elas conseguiram se aproximar dos senhores, no momento da qual eles se encontravam, festejando, e tão pouco tomados pelas bebidas fortes da época. Elas acharam uma solução, reunindo-se junto com elas...* Mesmo não situado de acordo com as normas, sintaticamente está correto o emprego do pronome *se*.

O que temos nesse enunciado, assim como em todo o *corpus*, o discurso da escrita constituído pela gramática normativa. É essa memória discursiva que se significa na oralização do Chorado e legitima o enunciadador.

Tomamos esses enunciados como exemplo de um todo do *corpus* para compreendermos que os efeitos de sentidos que se significam nessa oralização estão constituídos pela memória do discurso da escrita. Ao haver o afetamento da memória da escrita, há as falhas que evidenciam um sujeito na estrutura sintática e os deslizos que marcam nos enunciados.

Em relação às falhas, há um *eu* que se coloca como conhecedor da Dança do Chorado: *A Dança do Chorado foi uma estratégia usada pelas senhoras escravas no momento correto; Então através da inteligência da mulher, porque não dizer também através de suas astúcias...; No momento certo, elas se dividiam.*

Estratégia, momento correto, inteligência da mulher, suas astúcias e momento certo estão marcando um sujeito que conhece as virtudes das mulheres negras e as características de ritual da dança do primeiro momento.

Essas virtudes das mulheres negras que se evidenciam na oralização contribuem para a sua idealização. Não há, no relato sobre o Chorado, sentidos que vão contra a idealização dessa mulher. A idealização da mulher negra, na transcrição, ocorre repetidas vezes como: a inteligência da mulher e suas astúcias, o momento correto e o momento certo. Há paráfrases ao tratar das virtudes das *senhoras escravas*. Essas paráfrases são as repetições no que se refere à idealização da mulher negra em vários pontos do *corpus*.

Essas paráfrases sobre as virtudes da mulher negra se constituem de dois modos: pela beleza e pela inteligência. Estes se relacionam ao primeiro momento do Chorado. Pela beleza das mulheres negras temos: *Selecionavam meninas mais jovens, mais bonitas e mais belas...*

Pela capacidade intelectual: *estratégia; momento correto;...através da inteligência da mulher, porque não dizer também de suas astúcias; Elas acharam uma solução; No momento certo...*

Nessas paráfrases, há a evidência da subjetividade de alguém conhecedor da história, dos feitos das mulheres negras que as subjetivam pelas suas virtudes. Essa subjetivação da mulher negra irá criar o efeito de idealização das *senhoras escravas*.

Essas paráfrases que idealizam as mulheres negras do primeiro momento, na atualidade constituem-nas como o *mesmo* e como o *diferente* em relação à comunidade local. Como o *mesmo* são os feitos da mulher negra constituindo a identidade vilabelense: *astuta, inteligente, age no momento correto e no momento certo*. Ao caracterizar os feitos das

mulheres negras, cria-se uma relação de identificação da comunidade local da atualidade com a história dessas mulheres. Ao falar das mulheres negras/Dança do Chorado, fala-se também de Vila Bela, do sujeito vilabelense, de sua história e de seus feitos.

Esse modo como se constitui a caracterização da mulher negra, os sentidos que as identificam migram, vão significar do mesmo modo o sujeito vilabelense. Essa idealização de si, constitutiva do *outro*, se dá por estar situado pela memória de uma identidade local, pelo mesmo contexto sócio-histórico e cultural de caracterização da identidade das mulheres negras. Os sentidos que constituem as mulheres negras também constitui o sujeito da oralização e a comunidade local.

Esses efeitos de sentidos que constituem uma memória, uma tradição, idealizam também a comunidade local criando aí efeitos de sentidos de tradição, de orgulho em ser morador vilabelense.

Nesses feitos que constituem a identidade local, relacionado com outras comunidades, Vila Bela se identifica como o *diferente*. É somente nesse local em que o diferente se constitui desse modo: mulheres *astutas, inteligentes, que agem no momento certo e/ou no, momento correto*. É a alteridade constitutiva em que, Vila Bela, na relação com o *Outro*, se identifica como o *diferente*.

Isso ocorre por haver várias possibilidades dos sentidos se significarem. A polissemia que permite a *mulher negra/sujeito vilabelense* se significar como *inteligente, astutas* em relação ao *outro*, que poderia ser: *mulheres fracassadas, derrotadas*.

Esse *outro* que dissemos nos referimos à condição da mulher negra na sociedade brasileira. Na história da sociedade brasileira a mulher, principalmente a mulher negra, se encontrou numa posição de pouco prestígio e de forte submissão.

Ou seja, a mulher negra quase não tinha direito e não era concebido a ela o papel de heroína. Na oralização do Chorado, essa condição da mulher negra é deslocada. Como já dissemos, a mulher negra é idealizada pelos seus feitos. Esses feitos das mulheres negras que se evidenciam na oralização que constitui Vila Bela como o *diferente*.

Pensamos essa idealização da tradição como um efeito de uma história do Chorado que se materializa na contemporaneidade. Ao caracterizar uma história, cria um efeito de alteridade. A história do século XVIII, que se evidencia no XXI, sofre deslizes e os seus sentidos se significam, a partir do hoje, da atualidade e não da história em si.

Nos enunciados seqüenciais, os sentidos não se articulam sintaticamente:

As senhoras tinham uma certa diferenciação e eram bem melhor tratadas. Ao verem os sofrimentos dos seus filhos e esposos, mantinham os padrões dentro de si uma grande revolta / E qual foi essa cegueira? Elas se engrenaram das melhores maneiras possíveis / Após a transferência da capital Vila Bela para Cuiabá, a festa do Chorado, a Dança do Chorado perderam seus sentidos. No entanto, as conselheiras dessa festança se reuniam em um determinado local e não poupavam os tambores.

Essa falta de nexo de um enunciado para outro enunciado se presentifica por todo o *corpus*.

Pensando essa desarticulação, a partir do que a gramática normativa compreende, essa falta de nexo de um enunciado para com outro enunciado comprometeria a significação dos sentidos. Além disso, nesse enunciado: *Seus esposos e seus filhos presos, porém os sacrifícios são dados até às sôlturas que eram feitas*; há uma inadequação do emprego do operador argumentativo *porém*.

Esse operador argumentativo se utiliza para opor a idéia da oração anterior. Pensando isso, há apenas o emprego terminológico: *Seus esposos e seus filhos presos...* Fala-se apenas dos filhos e esposos das mulheres negras que estavam presos e, na seqüência, aparece o emprego do operador argumentativo *porém*.

Além disso, não fica evidente na transcrição o que significam esses *sacrifícios*. Não somente nessa parte desse enunciado, mas em todo o *corpus*, se pensarmos a partir da gramática normativa, se observa que os sentidos ficam postos e vagos, sem situar o leitor no contexto do assunto.

Outro fator que não corresponde à norma padrão é o de não situar o sujeito ouvinte no tempo cronológico da história do Chorado. Dá-se assim a escrita do discurso da história. Os sentidos se referem ao passado da dança, um passado re-significado na atualidade pelo tempo ideológico: *A Dança do Chorado foi uma estratégia usada pelas senhoras escravas no momento correto. Momento correto* constitui um efeito de acontecimento que se significa pela ideologia no momento da ação das mulheres negras que não se relaciona ao tempo cronológico, mas que se significa por um passado, pela *memória* de uma comunidade.

O que importa nesses enunciados não são dos sentidos se significarem de acordo com a norma padrão e sim fazer sentidos no sujeito-ouvinte. E como que esses sentidos se significam no sujeito-ouvinte sem corresponder com a gramática normativa?

Independentemente da falta de nexos que há entre os enunciados, da inadequação no emprego do operador argumentativo, *porém* e o de não situar o sujeito-ouvinte no tempo cronológico, ao se colocar imaginariamente na origem do dizível, o enunciador projeta o imaginário de sujeito-ouvinte. Essa projeção imaginária ocorre e os sentidos se significam tanto para o enunciador quanto para o sujeito-ouvinte por estarem constituídos pela mesma formação discursiva.

Ou seja, a memória discursiva que constitui a comunidade local é o que permite a significação dos sentidos sobre o Chorado, independentemente dos sentidos evidenciados sobre o Chorado estarem ou não correspondendo às regras da gramática normativa.

Relacionado a essa (memória) propomos compreender a ideologia da contemporaneidade que, em seus deslizes, vai significar o primeiro momento do Chorado. Para isso, nos basearemos nas discussões de Orlandi (2004) em *Interpretação*.

Segundo Orlandi (2001:131): *...a produção dos sentidos é marcada necessariamente pelo equívoco*. Compreendemos que é uma ilusão, na oralização sobre o Chorado, tentar restaurar ou (re-significar) os mesmos sentidos e materializá-los de acordo com a história de um acontecimento. Essa impossibilidade se deve em função dos sentidos estarem em curso e do sujeito não ser transparente.

Por seu lado, a memória funciona com versões enunciativas, imagens do dizer. É desse modo que se pode pensar o arquivo: a memória inscreve o discurso em filiações e o sentido que as representa está sempre sujeito a deslocamento. As diferentes versões são efeitos das relações de sentido (relação de um discurso com outros), das relações de força (relação de um discurso com o "lugar" de que é falado). Nesta perspectiva, como vemos, o equívoco é fato estrutural implicado pela ordem do simbólico. (ORLANDI, 2001:131)

Vamos pensar o *o fato estrutural implicado pela ordem do simbólico* em nosso corpus de análise. Ao se referir *senhoras escravas*, temos um pronome de tratamento que identifica e subjetiva as mulheres negras. Esse pronome *senhoras* vai caracterizar a mulher negra como *especial*, que merece *respeito*. A ideologia se marca nesse pronome e evidencia os sentidos de *respeito* e *admiração* pela mulher negra do Chorado.

Senhoras, na época em que se originou o Chorado em Vila Bela, no século XVIII, era um pronome restrito há algumas mulheres. Essas mulheres eram esposas de homens bem

sucedidos, como os fazendeiros, e se diferenciavam de outras mulheres pela sua condição na sociedade como: por não ser negras, terem *status* de poder.

Se pensarmos na história da mulher negra na época do colonialismo, essa mulher não tinha direitos, não era permitido se significar. Por não ter direitos e ser submissa em uma sociedade muito diferente da sociedade contemporânea, o pronome *senhoras* não era de direito às mulheres negras, estas por não terem *status* na sociedade e não ter direitos para se dizer.

Além do pronome *senhoras* que não era concebido às mulheres negras do século XVIII, também nesse enunciado: *As senhoras tinham uma certa diferenciação e eram bem melhor tratadas*, há outro equívoco que parte de uma subjetividade que, ao idealizar a mulher negra do século XVIII, a coloca em um patamar elevado, de prestígio social.

Não fica evidente no relato em que relação as mulheres negras *tinham uma certa diferenciação*. Se compararmos com os homens negros, a sua *diferença* se deve por não estar na posição de prisioneira. O tratamento que as mulheres negras recebiam da sociedade colonialista do século XVIII não era os melhores e, por isso houve a necessidade da *Dança do Chorado* funcionar como uma *estratégia usada pelas senhoras escravas*.

Então, o equívoco que dissemos é o de caracterizar a mulher negra do século XVIII de: *senhoras escravas*; e a de diferenciá-la dos demais escravos como se tivesse numa posição privilegiada. Não que essa mulher não pudesse ser denominada por esse pronome ou que não deveria estar numa determinada posição, mas naquela época esse tratamento as mulheres negras não era concebido pela sociedade colonial.

A ideologia da contemporaneidade significa a mulher negra do século XVIII diferentemente da mulher na sociedade contemporânea. Assim, o pronome *senhoras* se significa na contemporaneidade de um modo diferente da sociedade do século XVIII.

Para compreendermos melhor as condições de produção de sentidos do Chorado do século XVIII, vamos compreender as condições históricas do sujeito negro no Brasil para levar em conta a *interdição* que condenou a não se dizer e os sentidos que fundam o lugar de significação do Chorado e do desejo da mulher negra.

O sujeito negro, escravo até o final do século XIX, era de origem do continente africano. Trazidos da África e escravizado no Brasil desde quando esse país era colônia de Portugal, os negros tinham um papel importante para a economia nacional. *A riqueza do senhor era medida pelo número de café que possuía em sua fazenda e pelo número de negro.* (COSTA, 1998:76).

Mesmo o sujeito negro tendo um papel importante e que correspondiam aos interesses do Estado monárquico e dos senhores de terra, não era dado o direito de dizer, de se expressar e de lutar pelos seus interesses.

Até às vésperas do movimento abolicionista, o depoimento do escravo nada valia. Comentando esse fato, um viajante dizia que dez zeros não fazem uma cifra e que nenhum depoimento de negro contra um branco faria efeito. O branco é infalível e quando lhe sucede cometer um crime, é seu escravo o culpado, é este quem há de aceitar a responsabilidade. (COSTA, 1998:335).

O lugar de liberdade que o sujeito negro desejava se verificava em suas tentativas de fuga, de escapatória do domínio dos senhores. Em algumas dessas tentativas, o sujeito negro conseguia escapar dessa submissão.

Na tentativa de conseguir a liberdade, os negros fugiam dos engenhos e ocultavam-se nos lugares de difícil acesso procurando escapar da perseguição dos capitães-do-mato a serviço dos senhores. Nesses lugares seguros, formavam os quilombos. (Mattos, 1990:56).

Quando não conseguiam escapar e acabavam capturados, o sujeito negro que não tinha o direito de dizer e, conseqüentemente, não tinha o direito de se defender. Os castigos que muitos sofriam eram as torturas, chegando a serem condenados à morte, como podemos observar em nosso relato: Foi o que, a liberdade dos prisioneiros e que algumas vezes até alguns já eram condenados a morte.

Sem a liberdade de poder dizer verbalmente, o sujeito negro tinha o seu lugar discursivo interditado. Com o lugar discursivo de dizer do sujeito negro comprometido, fica em questão a sua identidade.

Além desse silêncio que é o da censura, há um silêncio que está funcionando em nosso material simbólico de análise, chamado por Orlandi de: silêncio fundante. Esse é o silêncio que está tornando os sentidos de significação do sujeito negro pelo Chorado sem a necessidade de dizer, mas dizendo.

O Chorado, uma dança estética e simbólica dançada pelas mulheres negras, se originou na cidade de Vila Bela quando essa cidade ainda era a capital do estado de Mato Grosso.

... a 19 de Março de 1752 [...] deu o nome de Vila Bela da Santíssima Trindade, ali erigindo a Capital da Capitania de Mato Grosso; Treze anos após a Independência (1835) Cuiabá, que vinha sendo a Capital de fato, tornou-se oficialmente a Capital da Província; Após a transferência da capital de Vila Bela para Cuiabá os seus sentidos (o Chorado) se perderam. (PÓVOAS, 1992: 20-38).

Ou seja, antes da transferência da capital para Cuiabá é o que chamamos de primeiro momento da Dança do Chorado. Nesse período, a dança era uma necessidade da mulher negra se dizer e se subjetivar.

Os senhores de terra, atraídos pela sensualidade e luxúria, para satisfazer os seus desejos nessas mulheres, é seduzido por estas a atender as suas necessidades. Nesse jogo de sedução, compreendemos que os sentidos de desejo das mulheres negras em libertar os reféns negros, na qual esses sentidos poderiam se significar pela linguagem verbal, se significam em silêncio pela Dança do Chorado. Como que esses sentidos se dizem pelo silêncio?

O Chorado não significava apenas a sensualidade e a sedução das dançarinas. Esses sentidos funcionavam como pretextos para as mulheres negras alcançarem os seus objetivos. Os sentidos de desejo da libertação dos reféns negros se significavam e se diziam pelo silêncio constitutivo da Dança do Chorado. A sensualidade na dança das mulheres negras também diz, em silêncio, o desejo de libertar os reféns prisioneiros das punições que iriam sofrer.

Relacionando os sentidos que se significam pelo silêncio, vamos compreender como que esses sentidos se constituem no sujeito do Chorado do século XVIII. Esse sujeito se significa determinado pelo movimento de sentidos que o constitui. De acordo com as discussões de Haroche (1992) em: "Fazer Dizer, Querer Dizer", o primeiro momento do Chorado é o momento em que a "Lei divina" é o que determina o sujeito ocidental. Nesse caso, o sujeito negro do Chorado se encontra em uma época histórica na qual está afetado pelas ideologias do sistema religioso Cristão.

Atendo-nos à análise da noção de determinação (em sua relação com o sujeito) – noção ligada aos sistemas religiosos, e posteriormente jurídicos, mas também noção crucial na gramática, que encontra inicialmente a existência de uma determinação completa do sujeito pela ordem religiosa... (HAROCHE, 1992:179).

Haroche discute sobre a determinação religiosa que o sujeito medieval estava assujeitado. No Brasil, essa determinação durou por mais tempo. A ideologia do sistema religioso Cristão afetava o sujeito, sem que esse sujeito se desse conta nos seus modos de se significar.

Não queremos com isso dizer que atualmente os sentidos religiosos Cristãos não se fazem presente em nossa sociedade. A influência do cristianismo, de fato, também afetou o sujeito negro do Chorado do século XVIII pelo motivo de estarem submissos aos proprietários de terra e, conseqüentemente, pela igreja.

Como o Brasil era colônia de Portugal, os efeitos de sentidos do discurso religioso Cristão se fizeram presente nessa colônia. *Para acabar com os conflitos sociais, entre colonos e índios, o governador Mem de Sá permitiu a criação de missões religiosas, chefiadas pelos Jesuítas.* (MATTOS, 1990:46).

Como sabemos, o Chorado se originou quando Brasil ainda era colônia de Portugal. E vários dos costumes tradicionais portugueses foram trazidos para o Brasil. Além dos costumes portugueses, vieram para serem escravizados no Brasil os negros trazidos do continente africano.

O sujeito negro, como já dissemos, era totalmente submisso ao Estado monárquico e aos senhores de terra. Em função disso, o sujeito negro sofreu algumas influências do discurso religioso Cristão. Uma das influências do discurso religioso Cristão é o vínculo familiar que há entre as mulheres negras com os seus filhos e marido: *Seus esposos e seus filhos presos, porém os sacrifícios são dados até as solturas que eram feitas.*

Além do vínculo familiar, que é constitutivo da ideologia Cristã, temos nesse enunciado o desejo da mulher negra que se evidencia pelo inconsciente. É o desejo de completude e do sentimento de comoção com os *seus esposos e seus filhos presos* que o Chorado passou a funcionar como uma linguagem que significa os *desejos* da mulher negra.

Agora, vamos procurar compreender como que, ideologicamente, o sujeito negro da contemporaneidade está determinado e também saber como que os sentidos do primeiro momento não se significam, do mesmo modo, no terceiro momento.

Conforme o nosso relato, o terceiro momento do Chorado se inicia na década de 80 (oitenta) na própria cidade de Vila Bela. É uma época em que a abolição da escravidão tinha ocorrido há quase cem anos. *Finalmente a 6 de junho de 1888 chegou a Cuiabá, pelo pacote "Coxipó" a notícia da assinatura da Lei Áurea, que extinguiu definitivamente a escravidão no País.* (PÓVOAS, 1992:68).

O terceiro momento do Chorado, a partir da década de 80 (oitenta) até a atualidade, é organizado pela comunidade local: *...a partir da década de 80, nós começamos a organizar de uma forma bem melhor e a cada dia que passa a festança tem ganhado novos adeptos e população de todo o nosso país.*

Baseando-se nas discussões de Foucault (1963) em *Linguagem ao Infinito*, o Chorado do terceiro momento é uma linguagem que tem como um dos objetivos manter essa *memória* de sua origem. O imaginário que se cria no terceiro momento do Chorado se mantém pela tentativa de não se *apagar, morrer*. A sua *morte* representaria a *morte* da história de uma comunidade *histórica*.

Ainda com base nas discussões de Foucault (1966:222) em: *O pensamento do exterior*, segundo o próprio:

Esse pensamento que se mantém fora de qualquer subjetividade para dele fazer surgir os limites como vindos do exterior, enunciar seu fim, fazer cintilar sua dispersão e acolher apenas sua invisível ausência, e que ao mesmo tempo se mantém no limiar de qualquer positividade, não tanto para apreender seu fundamento ou justificativa, mas para encontrar espaço em que ele se desdobra, o vazio que lhe serve de lugar, a distância na qual ele se constitui e onde se escondem suas certezas imediatas, assim que ali se lance o olhar, um pensamento que, em relação a interioridade de nossa reflexão filosófica e à positividade de nosso saber, constitui o que poderia denominar "o pensamento do exterior".

Os sentidos do terceiro momento do Chorado não significam apenas a sua história de ser dançada pelas mulheres negras. Os sentidos significados pelo Chorado estão além das suas evidências e constituído por determinada ideologia que busca manter esse imaginário de ritual da dança na atualidade. O *pensamento do exterior*, partindo das discussões de Foucault, é a ideologia que constitui e significa os sentidos da Dança do Chorado para a manutenção de sua *tradição*.

Com relação ao silêncio, dissemos que o primeiro momento do Chorado o silêncio fundante está *dizendo* e tornando os sentidos de comoção das mulheres negras em evidência.

Além disso, o desejo de libertação desses prisioneiros escravos está se significando pela dança.

No terceiro momento, o silêncio fundante está se significando a partir de um imaginário de *identidade cultural*. Ao falar do Chorado, Vila Bela também se significa. Nessa significação do Chorado, é que a *(identidade cultural)* vilabelense se diz, se evidencia.

Em se tratando do silêncio constitutivo, o da interdição do dizer, no primeiro momento do Chorado o sujeito negro era um sujeito escravizado pelos senhores proprietários de terra. Esse sujeito não tinha o direito de se dizer para esses senhores. Sendo assim, o Chorado funcionou como uma linguagem para esse sujeito poder dizer e se dizer.

No terceiro momento, o Chorado significava um discurso que partia da necessidade de criar um imaginário de *identidade*. Os sentidos eram voltados para um passado de significação da dança e do desejo de constituir um imaginário de *identidade cultural* para a comunidade local. Criava-se um imaginário de re-significação dos sentidos do Chorado.

Ou seja, o sujeito do terceiro momento do Chorado, ao contrário do primeiro momento, é obrigado a dizer e evidenciar os sentidos que foram dados na origem dessa dança. Mas não dizer e tornar os sentidos de um passado em evidência a seu modo. É obrigado a evidenciar os sentidos de um passado que são as origens do Chorado. O assujeitamento do sujeito do Chorado continua no terceiro momento, mas os sentidos desse assujeitamento já não são os mesmos.

Compreendemos melhor esse assujeitamento partindo das discussões de Haroche (1992:183) sobre a determinação do sujeito, levando em consideração o Chorado em suas origens no século XVIII, na qual o sujeito estava determinado, principalmente, pelo discurso religioso e, no terceiro momento, o assujeitamento do sujeito do Chorado é diferente.

O aparelho religioso não é mais capaz de, por si mesmo, enquadrar o sujeito (o que nós condensamos com a expressão “determinação religiosa”): o Estado, diante da situação nova que se oferece a ele, deve tentar, no contexto dos nacionalistas burgueses, estabelecer formas novas de controle do sujeito.

Conforme foi dito, o assujeitamento do sujeito negro no primeiro momento do Chorado é diferente do sujeito negro no terceiro momento. Sendo diferente, as condições de produção dos sentidos também são. Como já dissemos, o primeiro momento do Chorado era uma maneira da mulher negra dizer sem poder dizer.

Desse modo, assim como no século XVIII, o sujeito contemporâneo também está determinado por uma ideologia. Em função disso, no primeiro momento do Chorado o sujeito negro está afetado pela (instituição familiar) mantida pelo discurso religioso Cristão. No terceiro momento o sujeito é interpelado pelo discurso do Estado. E essa interpelação pode ser evidente na própria Dança do Chorado.

O sujeito negro, tanto o do primeiro momento do Chorado – *a censura, a interdição de exprimir* (Haroche, 1992:189) – quanto o do terceiro momento – *assim como a exigência de dizer tudo* (Haroche, 1992:189) – aparece numa relação de submissão ao senhor de terra e, em seguida, numa relação de submissão aos desejos do Estado.

Por isso se fez necessário à compreensão da Mémória Discursiva, do silêncio fundante e da política do silêncio para compreendermos que as condições de produção dos sentidos do primeiro momento não são os mesmos se comparados com a do terceiro momento.

De acordo com as discussões de Orlandi (2004:81) em: *Interpretação*, compreendemos no Chorado do primeiro momento para o terceiro momento que há o que se chama de *deslizes dos sentidos*.

O ponto de partida (a, b, c, d, e, f) e o ponto de chegada (g, h, i, j, k, l), através de deslizamentos de sentidos, de próximo em próximo, são totalmente distintos. No entanto, algo do mesmo está nesse diferente; pelo processo de produção de sentidos, necessariamente sujeito ao deslize, há sempre um possível “outro” mas que constitui o mesmo (o deslize de sentido de *a* para *g* faz parte do sentido de *a* também). Ou seja, o mesmo já é produção da história, já é parte do efeito metafórico. A historicidade está aí representada justamente pelos deslizes (paráfrases) que instalam o dizer no jogo das diferentes formações discursivas. Fala-se a mesma língua mas se fala diferente.

Os processos de produção de sentidos do Chorado do primeiro momento, os sentidos de desejo das dançarinas e da não punição dos negros deslizam, passam a significar no terceiro momento os desejos do Estado que se diz *liberal*.

Compreendemos isso ao retomar o enunciado do *corpus* de análise: *...a partir da década de 80, nós passamos a organizar de uma forma bem melhor e a cada dia que passa a festa tem ganhado novos adeptos e população de todo o nosso país.*

Podemos observar que, diferentemente do que acontece no primeiro momento, nesse terceiro momento já não é mais a mulher negra que aparece idealizada. O gesto de

idealização continua no terceiro momento, mas é um *eu* que se diz *nós começamos*. Ou seja, esse *nós* é o *Estado*. Então, no terceiro momento é o Estado que aparece idealizado no relato sobre o Chorado.

A primeira vista, o que podemos observar no terceiro momento do Chorado é uma dança que aparece no mesmo modelo com a do Chorado do século XVIII. Compreendemos *esse algo em comum* a partir do relato em que, os sentidos de sensualidade e da tradição de ser dançada pelas mulheres negras continuam na atualidade. Cria-se um imaginário de que o Chorado da atualidade é o mesmo ou parecido com o Chorado em suas origens. Esses sentidos se repetem, mas se repetem diferentemente.

Pensando os efeitos de sentidos que estão funcionando e se significando no primeiro momento e no terceiro momento, compreendemos que os efeitos de sentidos do Chorado da atualidade são diferentes. São diferentes em função das condições de produção discursivas em cada momento não serem iguais.

Contudo, não se pode pensar que os sentidos do Chorado se perderam no terceiro momento como aparece no relato: *...a festa do Chorado, a Dança do Chorado perderam seus sentidos*. Seria uma maneira de ignorar as diferentes formações discursivas que constituem o sujeito negro contemporâneo e que o diferencia do sujeito negro do século XVIII. Dessa maneira, é nessa diferença nas condições de produção discursiva que compreendemos o motivo dos deslizos dos sentidos. Sendo assim, entendemos que há algo em comum no terceiro momento do Chorado com a do primeiro momento, mas os processos de produção de sentidos já não são os mesmos.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que propomos nessa pesquisa é compreender como que os sentidos que significam em uma *cultura local* não são homogêneos. Há um discurso da contemporaneidade, o discurso da escrita, significando uma *memória cultural*; sentidos que se imaginariam que não fizessem parte dessa *memória* estão sim se significando e se dizendo nessa *tradição*.

Os sentidos estão em curso e, por esse efeito que o equívoco se evidencia na oralização, cria o efeito metafórico do primeiro momento para o terceiro momento e o silêncio funda o lugar de significação do sujeito negro.

Relacionado a essas questões, o nosso objetivo foi o de deslocar algumas noções do imaginário social como: a oralização sobre o Chorado de um morador vilabelense e a re-significação do Chorado no terceiro momento. Poderia pressupor que a oralização do Chorado fosse uma oralidade da oralidade e que o Chorado do terceiro momento significava os mesmos sentidos do primeiro momento.

Foi em direção desses pressupostos que propomos, partindo das concepções da Análise de Discurso de linha francesa, compreender os sentidos da oralidade se constituírem pela memória da escrita e os seus sentidos se significando na atualidade diferentemente dos sentidos das origens do Chorado no XVIII.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Emílio Viotti da. Da senzala a colônia / Emília Viotti da Costa – 4. Ed. – São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1998. – (Biblioteca básica).

FOUCAULT, Michel. A Linguagem ao Infinito. In Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2ª edição. Col. Ditos e Escritos III. Ed. Forense Universitária. 1963.

_____. O pensamento do Exterior. In Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2ª Edição. Col. Ditos e Escritos III. Ed. Forense Universitária. 1966.

GALLO, Solange Leda. Discurso da Escrita e ensino / Solange Leda Gallo. – Campinas SP: Editora Unicamp, 1992. (coleção Momento).

HAROCHE, Claudine. Fazer Dizer, Querer Dizer. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi com a colaboração de Freda Indusky e Marise Manoel. Editora Hucitec. São Paulo, 1992.

MATTOS, Hamilton Gonçalves. Vivenciando a História: o Brasil e a exploração colonial / Hamilton Gonçalves Mattos. - - São Paulo: Editora do Brasil, 1990.

ORLANDI, Eni Puuccinelli. Análise de discurso : princípios e procedimentos / Eni P. Orlandi. – Campinas, SP : Pontes, 4ª edição, 2002.

_____. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos / Eni Puccinelli Orlandi. - - 4. Ed. - - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997 (Coleção Repertórios).

_____. 1942. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico / Eni P. Orlandi. – Campinas : Pontes, 2004. 4ª edição.

_____. Língua e conhecimento lingüístico : para uma história das idéias no Brasil / Eni P. Orlandi – São Paulo : Cortez. 2002.

PAYER, Maria Onice. Memória da língua : imigração e nacionalidade / Maria Onice Payer. – São Paulo: Escuta, 2006.

PÓVOAS, Lenine Campos. Do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de letras. Síntese de História de Mato Grosso. Cuiabá – MT – 1992. Editora Resenha Ltda. 2ª Edição.